

A Barbárie em Michel Henry¹

Érica da Silva MARTINS²
Matheus Mariano da SILVA²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar através da visão do filósofo Michel Henry a conjuntura em que encontra-se a sociedade contemporânea. A ciência moderna com sua técnica e objetividade negligencia tudo o que é subjetivo, o que não é visível, entretanto, para Henry isso é negar a própria vida, inclusive o Absoluto. Para ele o ser humano não é formado somente pelo que é visível, mas também o invisível que compõe o ser ontológico. Em seu livro “A Barbárie” ele constatou que o saber disseminou-se grandemente ao longo dos anos, porém, a partir daí a cultura começou a sofrer abalos. Com a intensificação do uso de mídias, o ser humano confundiu o conhecimento com um emaranhado de informações, resultando em uma sociedade altamente superficial e alienada. Henry propõe então, que o homem busque transcender e se utilize da ciência não somente para o desenvolvimento do visível, mas também de sua subjetividade

PALAVRAS-CHAVE: Barbárie; Michel Henry; Mídias;

1.Introdução

A revolução científica de acordo com o que Henry afirma foi iniciada, sobretudo, a partir de Galileu Galilei no século XVII. Nesse momento o desenvolvimento humano era o principal objetivo baseado principalmente no método e na teoria como forma de atribuir definições à vida. Para Galileu a vida se reduziria a um conjunto de fenômenos materiais objetivando-a dessa forma por completo. Pois, desde o instante em que passou-se a pensá-la mais através de números e fórmulas do que em toda sua complexidade e subjetividade, ela começou a perder seu real sentido.

“O mundo moderno é, por conseguinte, o de Galileu, é um mundo que

¹Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016

² Graduandos em Licenciatura História, Unasp/EC, ericasilva_martins@hotmail.com.br,
matheussss.47@gmail.com

é no fundo, reducionista, materialista, que crê que o único saber válido é a física e as ciências que lhe estão ligadas. É um mundo que obedece a essa ideologia que identifica saber com ciência, que nega a existência de outro tipo de conhecimento”. (Henry, 2010, p. 13)

A modernidade apresentou ao mundo diversas revoluções que causaram grandes rupturas na sociedade. Tais revoluções manifestaram-se na cultura, política, ciência e também na religião. Em especial a ciência desenvolveu-se grandemente proporcionando ao homem a auto confiança e a sensação de liberdade detida por muitos séculos. Contudo, esse suposto apoderamento de si mesmo, trouxe consigo inúmeras consequências que podem ser percebidas até os dias atuais.

Com o advento da modernidade acreditava-se que Deus estava morto para a humanidade como afirmou Nietzsche em seu contexto, e que a religião seria descartável, pois muitos como Marx a definiam como o ópio do povo, ou seja, a mesma deveria ser abandonada. Não sem razão foram feitas tais afirmações, se for analisado o período e o contexto em que tais experiências negativas foram vivenciadas. A partir daí, buscou-se inaugurar um novo período, o do cientificismo, para a exaltação da ciência, seu empirismo e o abandono da significação da religião e de seu suposto deus.

Dentro dessa “era inaugural” da ciência como principal crença humana, a racionalidade e o método científico são os principais artifícios considerados como válidos. Além do empirismo, a ciência passou a apoiar-se sobre o positivismo buscando através da experimentação e da exatidão absoluta dar um novo sentido para o homem. Muitos acreditavam que nesse período a ciência cresceria como a resposta para todos os problemas da humanidade, e que a mesma salvaria os mundo de todos os conflitos internos e externos. Contudo não foi bem isso o que ocorreu, pois o tempo passou e a pós-modernidade apresentou-se como a maior crise existencial do homem, onde suas técnicas mais inovadoras não conseguem apresentar uma solução em sua busca incessante por algo que o satisfaça.

Para Henry o maior aspecto da Barbárie na ciência seria a técnica pois esta busca através do empirismo e do positivismo consolidar tudo a partir de uma experiência exterior. O homem passou a utilizar a técnica para alcançar certezas por meio do método em todos os aspectos da vida, deixando a subjetividade, o próprio saber da vida para

trás.

Ao longo do tempo, com tal procura pela exatidão das coisas existentes, o homem abandonou não somente sua própria subjetividade mas também, o Absoluto. Como resultado disso seu vazio existencial tornou-se um desespero e uma busca desenfreada por mais respostas, o que só aumentou esse distanciamento da própria vida e seu valor real como afirma Henry veementemente:

“Os homens afastados da Verdade da Vida mergulham nos enganos, nos prodígios em que a vida é negada, ridicularizada, troçada, simulada, ausente. Os homens são substituídos por abstrações, entidades econômicas, lucros e dinheiro. Os homens são tratados matematicamente, informaticamente, estatisticamente, contados como animais, sendo tidos em menor apreço do que estes”. (HENRY, 1998, p. 277).

Henry em momento algum afirmou que a ciência é vã ou algo descartável, pois esta é fundamental para nosso progresso e desenvolvimento humano. Porém, é dito que a ciência é apenas um meio para tais realizações da vida subjetiva. Pois é a partir do ser humano e todas suas complexidades que chegamos à ciência e não através do método e do estudo que chegamos ao ser humano, portanto, os papéis não devem se inverter.

2. Barbárie, Modernidade e Morin

Morin é um entre os filósofos que se preocupam com a vida e sua subjetividade. Em suas obras predominam questões a respeito do homem e sua existência. Ele é um pensador crítico desta sociedade que passou pelo processo da modernidade e continua a se transformar através da mesma causando uma revolução desenfreada de uma ciência superficial e negligente quanto à vida subjetiva. Impõe responsabilidades sob a educação como principal responsável pela formação da cultura e é por meio dela que se encontra a solução para o problema enfrentado atualmente.

De acordo com Morin o ser humano é um ser complexo, já que até mesmo a auto compreensão de si, enquanto ser, é uma tarefa extremamente difícil. Obcecado pela questão humana e sua identidade, o mesmo busca uma resposta para a barbárie que está impregnada na sociedade, e segundo ele, a solução para esse fenômeno somente será alcançada quando houver uma real união e um entrosamento entre as ciências

(biológicas, humanas e exatas):

“Precisamos de um pensamento que tente juntar e organizar os componentes (biológicos, culturais, sociais, individuais) da complexidade humana e injetar as contribuições científicas na antropologia, no sentido do pensamento alemão do século XIX (reflexão filosófica centrada no ser humano). Significa, ao mesmo tempo, reaprender a concepção de “homem genérico” do jovem Marx, que perpassa toda a sua obra, mas complexificando e aprofundando essa noção, à qual faltava o ser corporal, a psique, o nascimento, a morte, a juventude, a velhice, a mulher, o sexo, a agressão, o amor. Precisamos, nesse sentido, de uma abordagem existencial aberta à angústia, ao gozo, à dor, ao êxtase”. (MORIN, 2003, p. 17).

A humanidade está tornando-se um produto, perdendo a sua própria essência e seu lugar no mundo como seres subjetivos. A ciência com sua evolução avassaladora desenvolveu-se grandemente e hoje acaba por tomar algumas funções do homem através das novas tecnologias. Na procura de invenções que possam satisfazer seus desejos, o ser humano está se tornando um ser alienado que pouco utiliza-se de sua racionalidade, cada vez mais perdido, de tal modo que os papéis se inverteram, tornando-se um escravo de sua própria criação.

“Assim, nessa lógica, produz-se não só uma burocracia para a sociedade, mas também, uma sociedade para essa burocracia; não só se produz uma tecnocracia para o povo, mas também se constrói um povo para essa tecnocracia; não só se produz um objeto para o sujeito, mas também, segundo a frase de Marx à qual hoje se podem dar prolongamentos novos e múltiplos, “se produz um sujeito para o objeto”. (MORIN, 1998, p. 164).

Para Morin somente através da razão aberta e da crítica que se encontrará a solução para tal efeito. Vive-se uma dualidade confusa e contraditória, a modernidade tão almejada pelo homem trouxe consigo diversos problemas que prolongam-se inclusive nos dias atuais cada vez mais. Ainda assim, desenvolveram-se pensadores e ideais que tentaram e tentam opor-se a esse mal que enraizou-se na nossa cultura, sociedade e mentalidade.

Apesar de estarmos em uma civilização dominada pelo caos da superficialidade, da alienação, da ciência objetiva, Morin entende que a sociedade não está perdida e sem solução. Para ele é preciso repensar o homem, e o seu meio, é preciso que a razão e a crítica sejam cultivadas e mantidas para que haja alguma esperança.

“Nada é irreversível e as condições democráticas humanistas devem regenerar-se em permanência, caso contrário elas degeneram. A democracia precisa recriar-se em permanência. Pensar a barbárie é contribuir para a regeneração do humanismo. É, portanto, a ela resistir”. (MORIN, 2009, p. 108).

Sendo assim, é necessário que haja um esforço, uma luta, através da reflexão não apenas filosófica, mas um repensar na ciência como um todo, derrubando todas as fronteiras que separam o conhecimento, produzindo assim uma nova forma de pensar, que realmente possa eliminar essa barbárie que se engendrou em nossa sociedade moderna.

2. A Barbárie, Norbert Elias e o Processo Civilizador

Norbert Elias através de sua mais famosa obra O Processo Civilizador analisa as mudanças e rupturas que ocorreram nos costumes e na moralidade ao que diz respeito a formação do estado moderno. Cada época possui suas peculiaridades referentes aos costumes e a moral do indivíduo sendo estes dependentes do contexto e da educação do período.

Elias exemplifica diversos costumes e suas modificações ao longo do tempo como o resultado desse processo de transformação que o ser humano passa em todos os séculos. Sejam processos relacionados a moralidade, a higiene, ao trabalho entre outros, fato é que o ser humano durante toda a história vai modificando-se. Dessa forma, a modernidade mostra-se como um dos períodos que mais apresentou mudanças para a humanidade e estas com certeza estas afetam a sociedade atual, pois moldaram seu caráter e suas características.

A individualidade sem dúvidas é uma das características mais latentes que teve início com a modernidade e foi sendo ampliada ao longo do tempo. Anterior à modernidade a privacidade não era um aspecto muito considerado pela sociedade, contudo, o advento da Idade Moderna trouxe consigo essa necessidade do homem lutar por seu espaço e se destacar entre os demais.

As modificações que ocorrem ao longo dos anos permitem reflexões sobre como as sociedades estruturam-se, e a conduta humana cada vez mais incerta promove

inúmeros questionamentos, sendo maior a procura por respostas. Na atualidade cada vez mais o comportamento humano é julgado e estabelecido de acordo com o padrão da sociedade que estabelece os parâmetros e dita como que o indivíduo deve proceder para fazer parte do todo.

“Os padrões de comportamento de nossa sociedade, gravados no indivíduo desde a mais tenra infância como uma espécie de segunda natureza e mantidos em estado de alerta por um controle social poderoso e cada vez mais rigorosamente organizado, precisam ser explicados, não em termos de finalidades humanas gerais, a-históricas, mas como algo que evoluiu da totalidade da história do Ocidente, das formas específicas de comportamento que se desenvolveram durante seu curso e de forças de integração que as transformaram e propagaram . Esses padrões, tal como todo o controle de nosso comportamento, como a estrutura de nossas funções psicológicas em geral, possuem muitas camadas em sua formação e reprodução, impulsos emocionais desempenharam um papel não menos importante que os racionais, as pulsões e sentimentos não menos que as funções do ego. Há muito se costuma explicar o controle ao qual o comportamento individual está sujeito em nossa sociedade como alguma coisa essencialmente tradicional, fundamentada exclusivamente em considerações lógicas”. (ELIAS, 1993,p.268).

A aceleração da história bem como o processo de individualização causaram em alguns aspectos uma diminuição do humano e uma super exaltação da tecnologia, economia bem como do progresso. Isso em partes é o que acaba por causar essa insatisfação que se percebe na sociedade contemporânea, pois apesar da mesma apresentar-se como o auge da civilização, não existe uma felicidade plena e muito menos a resolução de todas as questões pendentes na sociedade que se arrastam pelos séculos. Apesar de toda a suposta liberdade atribuída a sociedade pós-moderna vive-se em uma sociedade de extremos, de violência e desrespeito a vida e a subjetividade.

O ser humano está na constante busca pela felicidade e pela liberdade como percebe-se na história, contudo, de acordo com Elias para que se alcance tais realidades é necessário o equilíbrio e a sintonia entre as exigências gerais da existência social do homem e suas necessidades e inclinações pessoais:

”Se a estrutura das configurações humanas, de sua interdependência, tiver essas características, se a coexistência delas, que afinal de contas é a condição da existência individual de cada uma, funcionarem de tal maneira que seja possível a todos os assim interligados alcançar tal equilíbrio então, e só então, poderão os seres humanos dizer a respeito

de si mesmos, com alguma justiça, que *são civilizados*”.(ELIAS, 1993, p.274).

3. A Barbárie em Michel Henry

De acordo com Michel Henry a contemporaneidade está passando por um período onde o saber desenvolveu-se grandemente e em contrapartida enfrenta-se um colapso gigantesco na cultura, fenômeno ao qual atribuiu-se o nome de barbárie, termo já conhecido, porém, para Michel Henry com um novo significado. Henry realiza uma análise profunda, e atual de nossa sociedade, buscando uma nova ressignificação sobre a vida e seu real sentido.

Henry opõe-se firmemente contra o pensamento galileano, como dito anteriormente, para ele a vida e o planeta não são compostos somente por objetos materiais, mas sim por um conjunto de fatores que vão além do mundo visual. O homem não é apenas um ser externo pautado somente no que é palpável, mas sim um ser transcendente, subjetivo e negar isso, é negar sua realidade.

“Afastar da realidade dos objetos suas qualidades sensíveis é eliminar, ao mesmo tempo, nossa sensibilidade, o conjunto de nossas impressões, emoções, desejos, e paixões, pensamentos, em suma, toda nossa subjetividade, que constitui a substância de nossa vida. É essa vida, portanto, tal como se experimenta em nós seres vivos, que se vê despojada de toda verdadeira realidade, reduzida a uma aparência.” (HENRY, 2012, p. 15)

Considerando que para Henry a vida é o que há de mais importante, tudo é feito por ela e para ela, somente através da vida que a cultura se origina, é somente através dela que a inspiração e a paixão surgem. A cultura está intrinsecamente ligada com a vida e é através da cultura que a mesma se auto revela, ou seja, quando há um esquecimento do sensível a vida também é esquecida.

Descartes foi um filósofo que assim como Henry divergiu sobre a afirmação de Galileu, mesmo não desprezando a ciência e dando a ela a sua devida importância. Porém, ele sabia que somente a ciência, ou o conhecimento do corpo, não eram capazes de explicar a complexidade humana. Para Descartes o conhecimento da alma era o mais importante, pois é somente a partir dele que encontra-se o conhecimento em geral.

“Descartes jamais duvidou da verdade da ciência, muito menos desejava fazer sua crítica. [...]. Porém, o gênio de Descartes foi pressentir que esse saber não se basta a si mesmo, que supõe outro, de outro tipo. [...]; que o conhecimento da alma é mais fundamental e mais certo que o conhecimento do corpo [...] que é sobre esse saber absolutamente certo da vida que repousa o conhecimento do corpo, isto é, do mundo, e, assim, a consciência e a ciência em geral.” (HENRY, 2012, p. 40 – 41)

Pensar nessa barbárie humana como a primeira ou como a última a desenrolar-se seria uma hipocrisia, ao decorrer da história o homem sempre deparou-se com suas crises e a superação das mesmas. A barbárie é um grave problema para a sociedade, uma crise global, não está inserida em uma única civilização ou povo, mas no mundo inteiro. Por mais que o termo barbárie seja muito explorado nessa pesquisa, conforme Henry deixa claro em sua obra, identifica-la atualmente não é uma tarefa muito fácil, já que ela está intrínseca em nossa cultura.

Outra questão é que o cientificismo não se resume apenas a um lado da sociedade, a ciência e sua objetividade atacam o homem de diversas maneiras, corrompendo todos os meios possíveis. Ela impõe-se hoje, principalmente, através da mídia que em sua estrutura é formada basicamente pela técnica, substituindo a consciência humana tornado o homem cada vez mais alienado de sua condição. Sendo o ser humano distanciado de sua realidade, acaba por perder o sentido de sua consciência, portanto, ele afasta-se de si e por consequência da vida e do Absoluto que compõe a essência de sua existência.

4. Mídias

Com a aceleração do desenvolvimento das ciências vivemos em um tempo de grandes tecnologias que surgem a cada segundo sem ao menos possibilitar que todos possam adquirir compreender e assimilar suas funções. A novidade tecnológica de hoje possivelmente em pouquíssimo tempo se tornará obsoleta, pois a cada instante novas criações e atualizações estão sendo desenvolvidas pelo setor tecnológico tornando-se o sonho de consumo da maior parte das pessoas pelo mundo todo, pois possui-las entre outras coisas para a sociedade contemporânea é símbolo de status. Outro fator que influencia grande parte da sociedade e se serve disso para alavancar-se são as mídias.

Sejam elas através da televisão, das redes sociais ou qualquer outro meio de informação e disseminação de conteúdo, fato é que esse é atualmente o maior veículo de influência para a sociedade.

O desenvolvimento científico, e tecnológico é positivo para o crescimento da humanidade, porém, a liberdade proporcionada por alguns meios de comunicação como, por exemplo, as redes sociais colocam em risco a alteridade, bem como a valorização da vida. As redes sociais sem sombra de dúvidas são as mais populares em toda sociedade principalmente entre os jovens que crescem ao seu lado. Elas não são simplesmente meios para relacionar-se, mas também são disseminadoras de informação, ideologias e influência direta e rápida pelo mundo inteiro. A influência que essas redes exercem sobre a vida social é enorme e isso implica também responsabilidades que em muitos casos não são levadas em conta. Em um meio de comunicação, cuja a liberdade é tamanha, muitos acovardam-se e tomam posição de julgamento com opiniões vazias. Através de um olhar narcisista e escondidos atrás por uma identidade velada que os protege, muitos agredem ao próximo sem pensar na proporção que isso pode chegar.

“Depois do objetivismo unilateral da ciência, impõe-se o das mídias que arranca o homem a si mesmo, produzindo a cada instante o conteúdo que veio ocupar seu espírito, autorizando uma manipulação ideológica sem precedente, sem limite, impedindo todo o pensamento livre – toda “democracia” –, condenando toda a relação pessoal, reduzida a manifestações exteriores, o amor, por exemplo, à agitação objetiva dos corpos, a fotos”. (HENRY, 2012, p. 19)

É a partir daí que surgem não somente os crimes virtuais, mas também o esvaziamento da vida e sua subjetividade, pois o outro não é levado em conta como um ser humano. Como Debord (2003, pg. 16) relata, com o surgimento de uma “sociedade do espetáculo”, nesse mundo da aparência, muitas vezes o falso acaba por tornar-se verdadeiro por conta da valorização do que é visível. A superficialidade cada vez mais latente na contemporaneidade é exposta não mais somente no trato físico para com o outro, mas esta barbárie é exposta também no meio virtual, através de imagens, falas, vídeos, ofertas, e declarações. Exemplo disso, o que mais beneficia-se das mídias na atualidade para adquirir ibope e popularizar-se é a tragédia. Quanto mais imoralidade, mais carnificina, ou mais baixo nível for, mais audiência irá receber tal exposição. Com

isso, a suposta evolução humana torna-se contraditória quando o próprio “humano” é desrespeitado.

É preciso que o homem reflita em suas ações e busque desenvolver sua subjetividade, valorizando não a superficialidade que é oferecida tão comumente, sobretudo, no mundo contemporâneo e seus modismos. É necessário ser ético, e as mídias devem ser mais uma ferramenta que o faça refletir o respeito. Para que seu desenvolvimento seja relevante ao mundo e para que o homem não se torne apenas um espectador de si mesmo.

5. Considerações Finais

Como pode-se perceber para Henry o maior problema da ciência moderna, não está em si mesma, mas em sua técnica pois esta tende a atribuir valor somente ao que é visível. Este fator acaba por desvalorizar a vida que não está somente no que é visível e palpável, mas também no invisível(a dor, a fome, a alegria, a felicidade, entre outros aspectos humanos).

Outra questão é como a ciência desenvolveu-se e como isso acabou por suprir a cultura que está diretamente ligada a vida e ao subjetivo da mesma. Pois a partir do momento em que o subjetivo é posto em segundo plano e a objetividade é mais valorizada, alguns aspectos da vida passam a ser deixados, e por consequência o ser ontológico é esquecido.

Um exemplo, disso são os resultados da *Barbárie* que vive-se na contemporaneidade, colocada aqui como uma das consequências do desenvolvimento da ciência, das tecnologias, das mídias e seu mal uso. Onde o homem sofre com a adesão de várias características de uma personalidade rasa que possui muita informação e tecnologia, contudo, não sabe utilizá-la para sua transcendência.

Portanto, é necessário que haja uma reflexão sobre tal assunto, uma ressignificação da vida e sua subjetividade. Utilizando-se da ciência e suas tecnologias para que cresça como ser humano não somente através do que é visível, material, mas

também através do que vai além, o invisível, o subjetivo, na ligação com o Absoluto, valorizando assim o saber da vida.

BIBLIOGRAFIA

- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. Vol II.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. eBooksBrasil, 2003.
- HENRY, Michel. **A Barbárie**. São Paulo: É Realizações, 2012.
- LORIERI, Marcos A. **Cultura e Educação em Edgar Morin**. Notandum Libro 13. 2009
- MAURI, Renato. **A imagem da religiosidade através das ciências sociais**. Revista Ñanduty, Vol. 2, N. 2. Janeiro a Junho de 2014.
- SILVA, Ellen F. Gomes da. **O Impacto e a Influência da Mídia sobre a Produção da Subjetividade**.